

BCCP/UFC 2020
ANO 1 NÚMERO 01

Biblioteca Em Cena



Biblioteca universitária
Biblioteca Central do Campus do Pici

**BIBLIOTECA
NA QUARENTENA**



Expediente

Biblioteca Em Cena é uma publicação realizada pelo Projeto Arte na Biblioteca, da Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos (BCCP) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Esta é a primeira edição da revista lançada na I Semana Nacional do Livro e da Biblioteca (SNLB) da BCCP.

Ano: 01

Número: 01

Reitor da Universidade Federal do Ceará: José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Diretor da Biblioteca Universitária: Felipe Ferreira da Silva

Chefe da BCCP/ UFC: Isabela Nascimento

Coordenação do Projeto Arte na Biblioteca: Francisco Moura e Islânia Castro

Idealização e Concepção Artística da Revista Biblioteca em Cena: Rebeka Lúcio e Suzana Figs

Editores: Francisco Moura e Rebeka Lúcio

Projeto Gráfico e Diagramação: Suzana Figs

Redação: Baticum Proletário, Beatriz Ferreira, Francisco Moura, Isabela Nascimento, Islânia Castro, Nonato Ribeiro, Rebeka Lúcio, Suzana Figs.

Colaboradores nesta edição: Amanda Coelho, Igor de Souza, Milene Correia e Rômulo Santos.

Imagens: Acervo BCCP/UFC, Canva e acervo pessoal dos colaboradores e entrevistados.

Fortaleza, outubro de 2020

Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos (BCCP) da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Campus do Pici, s/n, bloco 308 (1º andar) – CEP 60440-970 – Fortaleza – Ceará
artenabiblioteca@ufc.br / Fone: (85) 3366-9515

Facebook: @bccpufc @artenabiblioteca

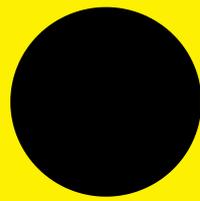
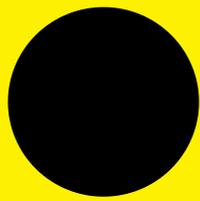
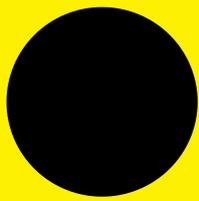
Instagram: @bccpufc

Youtube: bibliotecacentralcampusdopici



Biblioteca

Em Cena





Sumário

5 Editorial

Editorial
Francisco Moura

6 Livros Livres: Resenha Literária

Resistência
Islânia Castro

8 Arte e diversidade

A Arte Drag em cena
Nonato Ribeiro

12 CAPA

Biblioteca na quarentena
Isabela Nascimento, Islânia Castro
e Nonato Ribeiro

15 Além dos Muros

CinePapoco
Francisco Moura

19 Lugar de Poesia

Entrevista com a poeta Tainá
Cleiane
Baticum Proletário

22 Tirinhas

Dicas na Pandemia
Amanda Coelho, Milene Correia

23 Cineclube

O dilema da verdade das redes sociais
Suzana Figs

26 Afi nações Acústicas

Arte para colorir os dias
Rebeka Lúcio

29 Zine-se

#NaToca
Beatriz Ferreira

32

Biblioteca Explica

Mapas Mentais
Isabela Nascimento, Islânia
Castro e Nonato Ribeiro

35

Fique Zen

Faça amizade com a sua mente
Igor de Souza

38

Em Foco

Séries: Autorretrato, Urbes e Orla
Rômulo Santos

Arte na Biblioteca 2020: Francisco Moura [@chicomouraf] Coordenador do Arte na Biblioteca, arte-educador e estudante de cinema. Isabela Nascimento [@isabela_rochan] Bibliotecária cearense. Mestra em Ciência da informação. Eterna aprendiz. Islânia Castro [@islaniacastro20186853] Bibliotecária, agente pastoral, leitora. Participa de projetos de compartilhamento de livros e incentivo a leitura. Nonato Ribeiro [@nonatobibli] Bibliotecário, leitor, nordestino e gay! Doutor em Ciência da Informação com interesse nas temáticas Informação e Diversidade sexual, Competência em Informação e Bibliotecas Universitárias. Bolsistas: Baticum Proletário [@baticumproletario] Poeta, arte educador, educador social e estudante de Teatro (UFC). Beatriz Ferreira [@beatrizmartinz] Bolsista em Audiovisual do Arte na Biblioteca. Estudante de Sistemas e Mídias Digitais na UFC. Artista apaixonada pela expressão de ser viva. Sempre em busca da Liberdade. Rebeka Lúcio [@rebekalucio] Atriz-pesquisadora, apresentadora, produtora cultural, viajante: contadora de histórias. Mestre em Artes. Suzana Figs [@suzzfigs] Pesquisadora da área da linguagem. Se interessa por cinema, música, literatura, dança, design, saúde, esoterismo, tecnologias e afins.

EDITORIAL

O lançamento de uma revista carrega uma enorme expectativa e uma grande responsabilidade, sobretudo em uma sociedade tão informatizada e tão midiaticizada, em que o excesso de informações e a possibilidade do acesso instantâneo à informação - característica singular da sociedade da informação - dá um tom hercúleo a essa missão.

Nesse contexto, compreendemos que lançar uma revista da Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos (BCCP) é um importante recurso tecnológico, que em sincronia e de maneira integrada com outras tecnologias da informação e comunicação utilizadas pela BCCP, possibilitando assim novas formas de divulgação e comunicação de informações e serviços da biblioteca, além de agregar valor aos processos e atividades já existentes, promovendo a integração com a comunidade universitária.

A revista Biblioteca em Cena tem como objetivo gerar e difundir conhecimentos, dando ciência ampla, de maneira livre e irrestrita à sociedade em geral dos estudos, das pesquisas e das produções que a Biblioteca Central do Campus do Pici vem desenvolvendo seja cientificamente, artisticamente ou tecnicamente, ademais aproximar o público atendido pela biblioteca, que vai além da comunidade acadêmica, do conhecimento produzido pela Universidade Federal do Ceará (UFC). A revista atende às diretrizes do PDI da UFC no eixo 5.14 que visa ampliar a divulgação externa dos projetos e das pesquisas da UFC, dando destaque à contribuição para a sociedade

O leitor observará que a revista trata de uma diversidade de temas e utilizará das mais variadas formas de escrita, desde as mais acadêmicas, passando pela escrita poética e ensaística, além de reportagens, entrevistas, análise literária, ensaios fotográficos, charges, infográficos. Essa variedade de possibilidades é também encontrada sobre os temas abordados, já que a BCCP atende a mais de 50 cursos de graduação e pós-graduação de diversas unidades acadêmicas da UFC (Centro de Ciências, Centro de Ciências Agrárias, Centro de Tecnologia, Instituto de Cultura e Arte, Instituto de Educação Física e Esportes e Instituto UFC Virtual). Além disso, acreditamos que a diversidade de uma revista eleva o debate educacional e que a função de uma biblioteca desde os primórdios é permitir o encontro entre os pensadores e os conhecimentos, promovendo conexões entre os mais variados saberes, sendo ferramenta fundamental para promover a interdisciplinaridade entre as áreas.

A revista tem periodicidade bimestral e para nomear algumas das seções da revista recorreremos aos nomes dos projetos desenvolvidos pela BCCP, assim a seção de análise literária é nomeada "Livros Livres"; a seção de poesia intitula-se "Lugar de Poesia"; "Afinações Acústicas" trata de música; "Cineclube" com análise filmica; "Fica Zen" fala sobre espiritualidade e bem-estar; "Além dos muros", que irá explorar a extensão universitária; e "Biblioteca Explica", que traz informações sobre os procedimentos da biblioteca. Além disso, teremos a seção "Arte e Diversidade", tirinhas, exposição fotográfica e, nesta edição, uma reportagem especial de capa sobre a BCCP durante a quarentena.

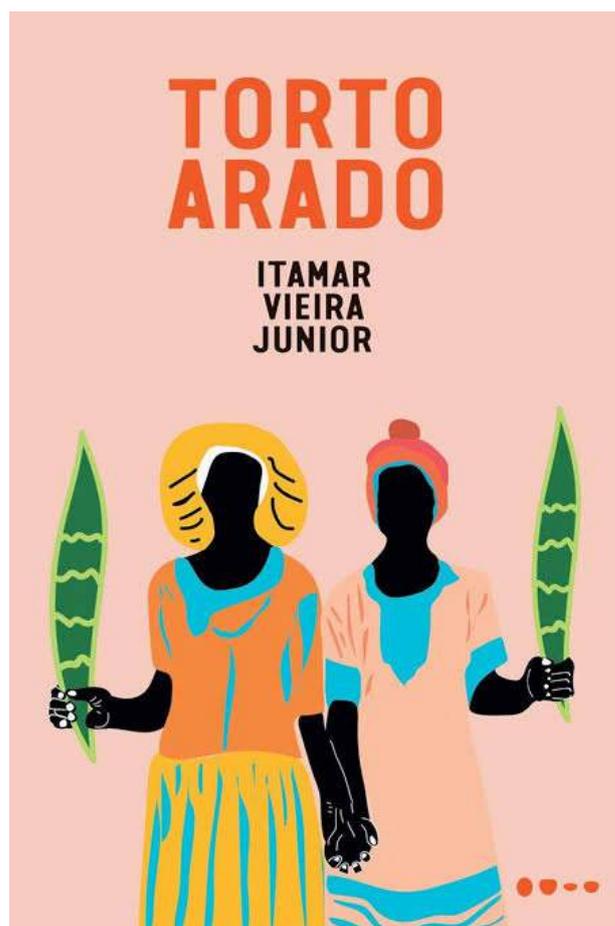


RESISTÊNCIA

A obra "Torto Arado", de Itamar Vieira Júnior, finalista do prêmio Jabuti 2020, foi lançada pela Todavia em 2019. Está dividida em três partes, cada uma narrada por um personagem diferente.

Por

Islânia Castro



A primeira parte, intitulada Fio de corte, é contada por Bibiana e apresenta os personagens principais: as irmãs (Bibiana e Belonísia), os pais (Zeca Chapéu Grande e Salu) e a vó Donana, que moram na Fazenda Água Negra, localizada na Chapada Diamantina, uma comunidade de negros descendentes de escravos, que vivem uma ilusão de liberdade.

A narrativa tem início com as irmãs mexendo numa mala que pertencia a avó, onde encontram uma faca. Ao brincar, colocando o objeto na boca, as duas se cortam por acidente, sendo que uma delas arranca a própria língua. As duas crescem muito próximas, uma sendo a voz da outra até a chegada de um primo na fazenda.

Bibiana foge com o primo, Severo, em busca de uma vida melhor, pois os dois não se conformam com a situação das famílias que trabalham sem receber nenhuma remuneração, em troca apenas de um lugar para morar e de uma pequena roça plantada no quintal.

*Islânia Castro [[@islaniacastro](#)] Bibliotecária, agente pastoral, leitora. Participa de projetos de compartilhamento de livros e incentivo a leitura.

Belonísia narra a segunda parte, denominada Torto Arado, na qual há continuidade temporal da história, além de alguns acontecimentos recontados aos olhos dela. Seu pai comunica que Tobias queria levá-la para morar com ele, assim Belonísia deixa a casa de seus pais para morar com Tobias. A relação se torna uma decepção desde o início, pois ele se mostra agressivo e passa a chegar sempre bêbado em casa. Com o retorno de Bibiana e Severo para a fazenda cria-se uma tensão entre os donos da fazenda e a comunidade, pois os dois começam a conversar com todos, esclarecendo que eles eram quilombolas e que as terras onde viviam eram por direito deles.

A última parte, Rios de sangue, é narrada por uma encantada* chamada Santa Rita Pesqueira que anda vagando sem rumo, já que com a morte dos mais velhos as festas de Jarê** estão esquecidas. A parte final vem preencher algumas lacunas da história, como os segredos guardados por Donana. O protagonismo feminino também está presente, já que as mulheres precisam ser fortes e batalhadoras para se tornarem donas dos seus destinos.

**Uma obra encantadora,
grandiosa e poética que traz
reflexões de um Brasil que
libertou, mas nunca apoiou os
libertos.**

**Itamar Vieira
Júnior nasceu
em Salvador,
Bahia, em 1979.
É geógrafo e
doutor em
estudos
étnicos e
africanos pela
UFBA.**



Foto: José Flores Gomes Povoá Varzim

Um país onde até hoje a disputa de terra afugenta e mata comunidades de povos tradicionais e ativistas, além do preconceito e da invisibilidade dessas comunidades com a tentativa de apagamento da sua cultura, dos seus costumes e rituais.

Itamar aborda diversas temáticas, como: violência contra a mulher, quilombos, relações familiares, reforma agrária, escravidão, religiões afro-brasileiras. Apesar dos temas pesados, o autor conta a história de forma leve, sem deixar a narrativa cansativa, pelo contrário, prendendo-nos ao enredo.

**“Sobre a terra há de viver
sempre o mais forte.”**

*Nome que o autor denominou as entidades espirituais do Jarê.

**É uma religião de origem africana, mais especificamente um candomblé de caboclo, que existe exclusivamente em cidades do Parque Nacional da Chapada Diamantina.

A ARTE DRAG EM CENA

"Vou te falar o que é Drag: borrar o conceito de gênero criando arte.

E arte é sempre performance"

Bob The Drag Queen

Por

Nonato Ribeiro*



Há alguns anos os cenários da arte, mídia, cultura e entretenimento têm presenciado o aumento da visibilidade da arte drag, alavancando um fenômeno multimidiático de ascensão do público LGBTQIA+.

A cultura drag tem uma origem que remonta ao teatro na Grécia antiga (500 a. C.), passando pelo teatro shakespereano (século XVI). Em uma época que somente homens podiam subir ao palco para apresentações, as personagens mulheres eram interpretadas por atores vestidos com roupas e maquiagens femininas. Surge a figura da Drag Queen, cujo nome, alguns apontam que deriva da expressão "Dressed Resembling a Girl" (vestido como uma garota), e outros falam que tem origem no verbo em inglês "to drag" (arrastar), se referindo aos longos vestidos femininos que arrastavam pelos palcos.



*Nonato Ribeiro [@nonatobiblio] Bibliotecário, leitor, nordestino e gay! Doutor em Ciência da Informação com interesse nas temáticas Informação e Diversidade sexual, Competência em Informação e Bibliotecas Universitárias.

Na contemporaneidade, a partir dos anos 60, a expressão artística adentrou no cenário LGBTQIA+, nos bares, clubes e guetos periféricos, onde as drag queens podiam se “montar”, usando roupas exóticas e coloridas, perucas volumosas e maquiagem carregada, como diversão e trabalho. Faziam apresentações de dança e dublagem de suas divas da música e do cinema.

Nos anos 80, a disseminação da AIDS acabou restringindo a arte drag ao nicho periférico, incluindo também os Balls, competições de desfile, dança, moda e dublagens da cena underground LGBTQIA+ dos EUA.

A partir dos anos 90 a arte drag ganha visibilidade com o lançamento da música Vogue de Madonna (1990), o aparecimento da drag queen americana RuPaul na música, tv e moda e o lançamento do filme Priscilla, a Rainha do Deserto (1994). E mais recentemente, temos presenciado a popularidade exponencial do fenômeno da arte drag no mundo, liderado por personalidades como RuPaul e Pabllo Vittar.



RuPaul voltou aos holofotes da cultura pop em 2009, quando lançou a primeira temporada do reality show RuPaul's Drag Race. Hoje com doze temporadas regulares e cinco All Stars, o programa tem sido premiadíssimo e alcança uma grande audiência no mundo todo, tornando-se uma vitrine para muitas drag queens, que tem desmistificado vários paradigmas relativos à arte drag e também discutindo temas relevantes como preconceito, AIDS, racismo, drogas, suicídio, dentre outros. A franquia tem ganhado versões em outros países, como Inglaterra, Canadá, Tailândia e Holanda, especulando-se ainda o lançamento da versão brasileira, que abriga uma grande comunidade de fãs do show.

Destaca-se também a diversidade entre as participantes do reality, com queens pageants, big girls, fashion girls, dancer queens, singers, fishy queens, comedy queens, camps, shady queens, clubbers, impersonators, dark queens, apontando para todo o talento existente na arte drag, indo além de maquiagens, perucas e roupas chamativas. Algumas participantes do show, como Shangela, Bob The Drag Queen, Willam, Alaska, Adore Delano, Alyssa Edwards, têm participado de turnês internacionais, migrando para vários segmentos da cultura pop, como televisão, cinema, música, teatro, dança e mídias sociais.

No Brasil, passando por alguns momentos de aparição na televisão que por vezes caíam na ridicularização, as drag queens nacionais tomavam a dianteira na luta por direitos, como em São Paulo, onde lideraram a organização da primeira Parada do Orgulho LGBTQIA+, em 1997.

Atualmente, drags queens como Pablo Vittar e Gloria Groove têm puxado um movimento de drag music no país, com casas de shows lotadas, participação em festivais importantes, levando multidões em blocos de carnaval e com milhões de reproduções nos serviços de streaming de música e vídeo.



No cenário local fortalezense, destaca-se os concursos de drag queens e transformistas, que seguem resistindo no cotidiano da cidade, em seus bairros e nas boates, inclusive com apoio das Coordenadorias LGBTQIA+ estadual e municipal. O coletivo artístico As Travestidas, liderado pelo ator Silvero Pereira e sua Gisele Almodôvar, tem atuado em Fortaleza e ganhado projeção em todo o cenário nacional com os premiados espetáculos teatral BR-Trans e Quem tem medo de travesti?, promovendo também várias outras ações de arte e cultura no país, como oficinas, festas, bloco de carnaval, mostras, festivais e exposições.

As mulheres também têm espaço no movimento, questionando as fronteiras de gênero, sejam reproduzindo a figura feminina enquanto drag queens, ou os estereótipos masculinos como drag kings.

Todo esse movimento da arte drag tem influenciado a cultura pop atual, com suas artistas em alta na televisão e internet, proporcionando visibilidade em um cenário político-social de retrocessos e conservadorismo, e fazendo a sociedade refletir sobre os conceitos de gênero, sexualidade, corpo e diversidade.

Para saber mais:

DOCUMENTÁRIOS:

Paris is Burning
A Morte e Vida de Marsha P. Johnson (2017)

SÉRIES:

RuPaul's Drag Race
RuPaul's Drag Race All Stars
Pose
AJ and The Queen

ARTIGOS:

Drag queens: a história da arte por trás de homens vestidos de mulher. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/drag-queens-a-historia-da-arte-por-tras-de-homens-vestidos-de-mulher.ghtml>

Drag é arte, é ativismo, e é para todxs! Disponível em: <https://medium.com/todxs/drag-arte-ativismo-6d9897a92d9c>

GLOSSÁRIO. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SfpRkLMRI3c>

GLOSSÁRIO: 2ª lição. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E>

BIBLIOTECA NA QUARENTENA

De repente nossas vidas mudaram.
O ir e vir, abraçar parentes e amigos, beijar seu/sua crush,
assistir um filme no cinema do Dragão ou uma peça no
Teatro José de Alencar (TJA), ir ver as quadrilhas juninas, fila
no RU, ônibus intra/inter campus lotados, rolêzinho no
Benfica, tudo se transformou

Por

Isabela Nascimento*

Islânia Castro

Nonato Ribeiro



Dia 16 de março de 2020 o Governador do Estado do Ceará decretou situação de emergência em saúde através do Decreto Estadual nº 33.510, estabelecendo medidas para enfrentamento e contenção da infecção humana pelo novo coronavírus. O Reitor da Universidade Federal do Ceará (UFC), cumprindo o decreto estadual, suspendeu, a partir de 17 de março, as atividades presenciais na Universidade, incluindo o acesso às bibliotecas.

A Biblioteca Universitária, enquanto instituição social importantíssima para os que fazem a Universidade Federal do Ceará, precisava se reinventar. A equipe da Biblioteca Universitária se organizou para trabalhar em home office, visando manter a comunidade acadêmica informada. A preocupação inicial foi disponibilizar em seu site e redes sociais informações importantes para contato, como e-mail e whatsapp, além de divulgar fontes de informações disponíveis on-line, para que alunos e professores pudessem acessar remotamente.

*Isabela Nascimento [isabela_rochan] Bibliotecária cearense. Mestra em Ciência da informação. Eterna aprendiz.



No site da Biblioteca foi incluída uma página temporária intitulada "Quarentena com a Biblioteca", reunindo as principais ações desenvolvidas e serviços oferecidos pelo Sistema de Bibliotecas para esse período de quarentena e prevenção da COVID-19, com o objetivo de facilitar o acesso às informações pelos usuários. Foram firmadas parcerias com algumas editoras que disponibilizaram livros on-line, entre elas: Pearson, Gale e EBSCO. Destacam-se também outras ações importantes: a prorrogação do prazo de devolução dos livros, o cadastro on-line de usuários, criação de conta no Whatsapp da Biblioteca Universitária, suspensão das multas e oferta de minicursos on-line.

Diante dessa nova realidade, a Biblioteca Central do Campus do Pici Prof. Francisco José de Abreu Matos (BCCP), buscou adaptar-se ao novo cenário. A Seção de Atendimento ao Usuário (SAU) passou a investir na oferta de serviços de referência virtuais, como minicursos on-line, bem como dar continuidade às demais atividades da Seção possíveis de serem realizadas em home office.

A Equipe da Seção de Representação Descritiva e Temática da Informação (SRDTI) prosseguiu com a seleção e catalogação de livros recebidos de doação no Pergamum, bem como outras tarefas que também são possíveis no contexto do trabalho remoto.

O projeto Arte na Biblioteca também vem realizando diversas ações, de forma on-line, dentre elas: Afições Acústicas, Lugar de Poesia, Fica Zen e Minuto Literário. As ações podem ser acompanhadas no perfil da BCCP no Instagram @bccpufc.

Em julho, seguindo o movimento da Universidade para a retomada de atividades, a Direção da Biblioteca Universitária divulgou o "Plano de retomada das atividades presenciais do Sistema de Bibliotecas da UFC", com o objetivo de esclarecer à comunidade acadêmica e à sociedade como se daria o retorno às atividades presenciais no Sistema de Bibliotecas e estabelecer os novos parâmetros e rotinas administrativas no ambiente de trabalho das bibliotecas.

As recomendações contidas no documento tem como base em diretrizes elaboradas por instituições nacionais e internacionais, tais como a Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU), a International Federation of Library Associations and Institutions (IFLA) e a Superintendência de Infraestrutura e Gestão Ambiental (UFC INFRA). Dentre outras coisas, o Plano estabelece, por exemplo, o pagamento de multas exclusivamente por meio de GRU (Guia de Recolhimento da União) e a realização de empréstimo e devolução mediante agendamento.

Em 29 de julho, as bibliotecas da UFC situadas em Fortaleza passaram a reabrir para realização dos serviços de empréstimo, devolução e retirada de reserva, mediante agendamento. Os usuários podem solicitar obras por empréstimo através do Pergamum. Em agosto foi lançado o Agende BU, sistema desenvolvido para agendamento de datadia e hora para retirada de materiais por empréstimo ou reserva e para recebimento de devoluções, contando com tutoriais que explicam como utilizá-lo.

Com os ajustes do calendário acadêmico e a retomada das aulas, mesmo que de modo remoto, aos poucos a BCCP vem retomando outras atividades, como os treinamentos solicitados pelos professores, que agora são ofertados através de ferramentas síncronas e que também possibilitam o acesso assíncrono. Retomamos também a divulgação das novas aquisições, através do Facebook e Instagram da Biblioteca; e mais recentemente demos início a uma série de lives do Projeto Arte na Biblioteca, "Bota a Tua".

Sim, nossas vidas mudaram.

Em todas as suas dimensões e contextos. mas buscamos resistir e nos reinventarmos enquanto instituição pública, voltada para a educação, ciência, tecnologia, arte e cultura.





CINEPAPOCO

Bater no portão e ser recebido por latidos de boas vindas dos cachorros da casa que se faz biblioteca comunitária. Como a casa é um pouco distante do portão devido ao imenso jardim composto por tâmaras, amoreiras, rosas, suculentas, qualquer tipo de vegetação, quem faz a função de campainha são os cães. Olho por entre as brechas do portão enquanto apoio o projetor na caixa de som para distribuir melhor o peso enquanto espero o portão da Biblioteca se abrir.

Por
Francisco Moura*



*Francisco Moura [@chicomouraf] Coordenador do Arte na Biblioteca, arte-educador e estudante de cinema.



Era o primeiro CinePapoco, a primeira experiência diretamente com as crianças e adolescentes que frequentam a biblioteca. Enquanto montava o espaço, arrumava as cadeiras, regulava o foco do projetor, puxava extensões elétricas para ligar equipamentos; a ansiedade e o receio de não vir ninguém assistir ao filme aumentavam. Rapidamente veio chegando uma após a outra, e umas vinham pra ver se era verdade mesmo que ia ter cinema e iam chamar os outros. Pegamos mais cadeiras, e de repente um pipoqueiro, alguns pais, outras tantas crianças e risos, gargalhadas, olhos atentos, raiva, reviravoltas, indignação, alegria, fim. Enquanto a máquina cinema apresentava na tela preta todos que contribuíram para a realização do filme, um papoco: Powww! A caixa de som começa a sair fumaça. Alguém tem a ação rápida de desligar o estabilizador. O primeiro CinePapoco só poderia acabar com um papoco. Apesar dos prejuízos econômicos, o sentimento era o de consertar o mais rápido possível a caixa de som para daqui há um mês estar experienciando novamente aquele espaço cinema tão modestamente montado.

Uma caixa de som - que talvez só por obra dos deuses do pré-cinema tenha aguentado até o final da sessão para depois papocar, já que o usual, como disse o técnico elétrico que a consertou é "de estourar assim que liga errado" - uma lona no chão, algumas dezenas de cadeiras de plástico, um notebook, um projetor e o muro branco da Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias são suficientes pra magia do cinema ser feito.

E vieram sucessivas sessões, com diferentes histórias e a grande máquina de alteridades que é o cinema foi se fazendo presente, fazendo com que cada um passasse a se entender melhor ao ver na tela as angústias e conflitos das personagens, ajudando-os a se colocar de uma maneira mais ativa no mundo, ensinando outras formas de sonhar, como se posicionar em relação ao outro.



Mesmo com as trocas enriquecedoras geradas nos debates do cineclube e todo o carinho demonstrado pelas crianças com o CinePapoco, ainda faltava estar no coração da Papoco de Ideias. O muro em que o cine é projetado é um espaço fora da biblioteca, na verdade é um fora-dentro, pertence à biblioteca e também à travessa Piauí. Era exatamente ali que o CinePapoco estava, nesse fora-dentro, ainda não conseguia ser parte da Papoco, tinha que deixar de ser visita, afinal o muro-tela da travessa Piauí tem registrado o número 387 e o portão dessa casa, durante o cinema, está aberto, convidando para entrar no jardim, na biblioteca, na Casa. Do lado esquerdo do muro-tela 387 fica a entrada de um beco onde se enfileiram casas e se estende até um baixio, o mesmo que dá nos fundos da Casa que abriga a Papoco de Ideias. Toda aquela região já foi um pequeno alagado, o terreno foi conquistado pelo braço de homens e mulheres que aterraram e fundaram sua morada, levantam e relevam suas casas à medida que a vida entre suas experiências de escassez vai permitindo.

Entramos de câmera e gravador no sentimento da Biblioteca Papoco de Ideias quando resolvemos fazer uma oficina de audiovisual com os adolescentes da Papoco, o intuito era de apresentar na teoria e na prática a linguagem audiovisual e deixar os adolescentes livres para capturar registros das oficinas, da biblioteca e do que mais eles quisessem e montar um filme com todo o processo da oficina. Naqueles 5 dias de oficina, conheci a Papoco de verdade. E nada poderia melhor definir a experiência-ação do que dizer que ela foi do papoco! crianças e adolescentes lendo, brincando livremente no jardim, subindo em árvores, descendo no escorregador, jogando futebol, correndo, jogos de tabuleiro, bila, tudo isso junto e misturado. Quanto movimento, quanta ação para ser filmada, quantos sons para serem captados... agora coloque um gravador de som e celulares na mão desses agentes de todo esse fluxo e tá feito o papoco. Claro que tanto fluxo assim tem que ser minimamente ordenado, e todos são responsáveis por essa organização, a construção sobre as regras de comportamento são feitas coletivamente entre eles, quem já está habituado as oficinas já sabe disso, quem tá chegando tem que se acostumar de ser cobrado pelos outros caso não cumpra o combinado. -Tio, o fulano tá falando nome feio comigo e a gente decidiu que não pode! Tá nas regras que tem que esperar a vez do outro, ó - e aponta pra cartolina com as regras de convivência.

Percebo o quanto a Biblioteca é um jardim, talvez seja pela biblioteca se abrir para o jardim, ela é uma extensão dele, pega-se um livro e vai ler lá no balanço, se brinca e lê, se balança enquanto conversa, filma o

descendo no escorregador, pede pra um amigo correr pra tirar fotos sequenciadas e ensina pra ele que, não veio no dia anterior, "como se faz o movimento dos filmes juntando vários fotos num segundo".

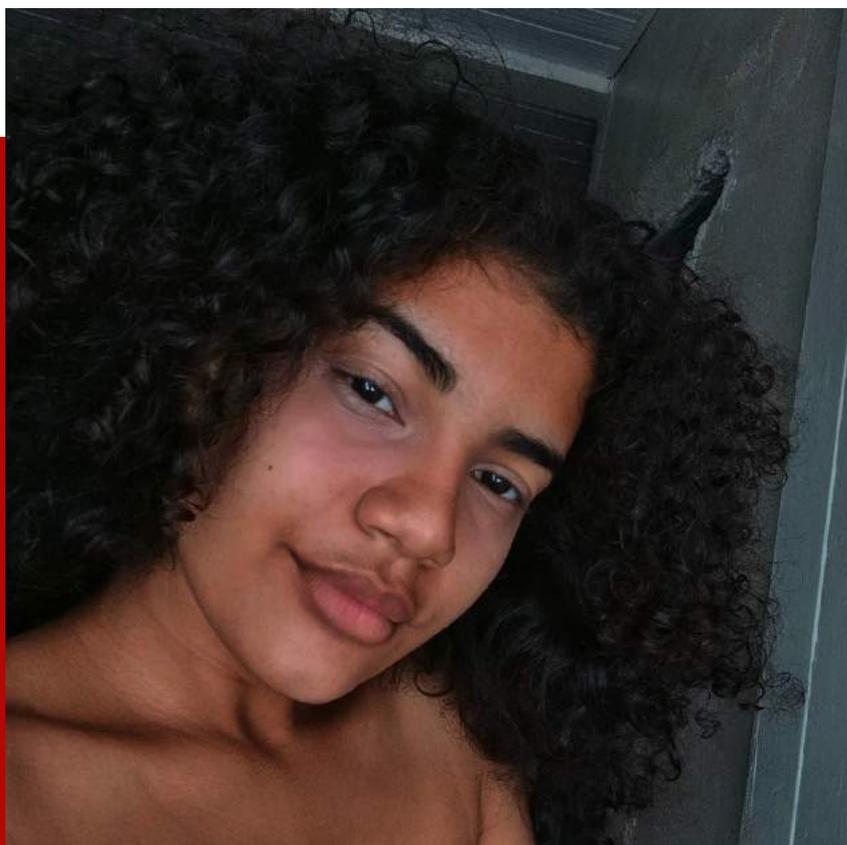
Essa explicação tão clara e simples mostra a sucessividade do tempo como estrutura primordial pro cinema - uma cena após a outra, uma foto após a outra, numa sequência, num fluxo - e isso tudo dito no meio daquela simultaneidade de acontecimentos de cada um presente naquele espaço-tempo em que inúmeras ações acontecem concomitante na mesma unidade de tempo.

A Papoco é meio como casa de vó em dia de festa, onde tudo pode, mas não pode tudo. O jardim que é um com a biblioteca também se conecta à casa por um corredor sem porta e lá dentro a vó, D. Celeste; tudo se abrindo pro jardim que vira Biblioteca, um jardim-biblioteca. Nada é mais comunitário em uma casa do que um jardim, espaço de conviver, lugar de vida, um espaço para estar livre, aprender, compartilhar, escutar, ser escutado, ser criança, construir, ter direitos, ter deveres, ser presença frente a ausência de cidadania nesse projeto de Estado exclui a maior parte da cidade. Se o Estado exclui o comunitário inclui, é comum a todos, e todos tem que se responsabilizar, ser comunitária é partilhar, autogerir, gestar. A Casa - que foi fundada sobre o alagado, após entulhos e aterramentos em meio ao suor do trabalho, virou jardim de alimento e cura pelas mãos de D. Celeste junto com o cheiro da água que retorna pro baixio sempre que chove - agora é a Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias, um jardim-biblioteca onde brota cultura, arte, afeto, saber, cuidado, partilha.

"Não sei dizer ao certo, a poesia faz parte da minha vida desde que me entendo por gente." Tainá Cleiane

E aí pessoal! E aí galera! Olha só quem tá voltando e em novo formato... É o "Lugar de Poesia" estreando na melhor versão entrevista e trazendo para vocês a poeta Tainá Cleiane que deu início a nossa série em vídeos no IGTV da @bccpufc.

Entrevista Por Baticum Proletário*



Um salve para a poeta Tainá Cleiane. Essa cearense de 15 anos, moradora desde os 2, no bairro Couto Fernandes, que escreve desde os 6, e estuda na Escola Municipal de Tempo Integral Castelo Branco no bairro Montese. Tainá já participou de slams e saraus, entre eles o Slam das Minas e o Slam Entrelinhas. E eu sou Baticum Proletário. Agora ela vai nos responder algumas perguntas... Se intera só aí da conversa.

*Baticum Proletário [@baticumproletario] Poeta, arte educador, educador social e estudante de Teatro (UFC).

BATICUM - Como começou o seu interesse por poesia?

TAINÁ - "Não sei dizer ao certo, a poesia faz parte da minha vida desde que me entendo por gente."

BATICUM Na sua poesia você fala sobre o quê? Quais são as suas motivações?

TAINÁ - "Falo sobre sentimentos, desde os melhores até os indesejados. Falo sobre minha vivência como sendo da minoria, como mulher negra e periférica. Falo sobre como me sinto e minha gratificação é ver outras várias pessoas se identificando com meus escritos."

BATICUM - Como você vê as movimentações de saraus, slams e poetas aqui em Fortaleza?

TAINÁ - "Acho que deveriam acontecer com mais frequência. Geralmente cada slam ou sarau acontece apenas uma vez ao mês, e em lugares consideravelmente longes. Espero que nos períodos seguintes se possa abranger ainda mais essa manifestação cultural."

BATICUM - Qual é o significado da poesia para você?

TAINÁ - "Não consigo resumir tudo o que ela significa em apenas uma palavra ou frase. Não me vejo sem ela; escrevo quando estou feliz, triste, com saudades, radiante. Sem dúvidas, não há nada e nem ninguém que me conheça melhor que meus cadernos. A poesia pra mim é uma garantia de que tudo um dia passa ou melhora; quem lê conhece inúmeras realidades, quem escreve, as sente. Então a poesia, para mim, é se permitir viver um mundo além deste que nossos olhos vêem."

BATICUM - Muito boa a sua participação Tainá e para concluir, deixa só uma poesia sua pra gente, vai...



O QUE É, O QUE É?

POR TAINÁ CLEIANE

O que é, o que é
Clara, salgada e pesada
O suor da que saiu da senzala fazem 128 anos, tem 58, e até hoje é
escravizada
Não tenho o queijo na mão, presumo
Que seja uma farsa o que conta o testemunho
Penso, cadê a faca?
Facada mal dada, que não aleja mas elege quem em torturador não vê
falhas
Pátria desalmada de filhos sem pais
Mulheres solteiras, guerreiras
Corpos violados, ventres idolatrados
Fetos abortados em clínicas clandestinas, mas
A pátria me traiu
Me gritou vadia, me tocou a ferida
A "pátria amada" esqueceu de me amar
A pátria puta não me protegeu
Quando o bicho papão de 23 e 1,80
Bateu no colo e disse: senta
Mamãe foi à feira com 40 conto tentar comida na mesa botar
Papai foi trabalhar, correndo risco de se contaminar..
Ninguém.
Ninguém tava lá pra me ajudar
Quando com suas garras ele tentou me tocar
Mas onde tava o "ninguém solta a mão de ninguém" quando eu precisei lá?
Feminismo seletivo, apoia branca, exclui preta
Feminista escravoceta que defende mulher pra comer buceta
Feminista liberal que mostra a teta no sinal, se apropria do "meu corpo,
minhas regras"
e faz as de 14 virar dele o motivo da punheta
É que cês milita sobre racismo, mas só te aflinge quando a bala atinge o
preto
Se machuca mais uma mulher, é só menos uma no gueto
Já que a luta nunca foi por raça, mas por gênero
E o preferido nunca foi o feminino
Em mim põem um laço rosa e sempre entregam o troféu
Pra quem nem entende o que eu falo nas minhas prosa
Mas por ele ser do sexo masculino, sempre verão melhor sua proposta
Num país misógino
Onde antes de poeta, mulher frágil a resposta.



SEXTA-FEIRA 15/04/2020 @GMAIL.COM

Serviço de Psicologia da Hospital de Messejana

ANEXOTA

COVID VS ANSIEDADE

Ilustração: @KONKALAVENTURAS

Esta, olha ele! Que bom te ver! Como você tá?

Mulher, vou te falar a verdade. Hoje não estou me sentindo muito bem.

O que você tem?

Sinto... Muita falta de ar... E calafrios... Estou com medo de ser Covid-19.

Mas, você nem falou de tosse ou febre. Deve ser só ansiedade.

Ah, sim!

O que está sentindo com certeza é real.

Nossos sentimentos são reais e precisamos cuidar deles quando nos fazem mal.

Falar é uma forma de tratar.

Se não fizermos isso, eles podem crescer dentro da gente a ponto de nos fazer adoecer, por ficar guardando algo que não nos faz bem.

Se você não falar de ansiedade, ela pode ser saudável, fazendo com que a gente se prepare pro futuro e se proteja dos riscos.

Podemos dizer que uma pequena dose de ansiedade é questão de sobrevivência.

Caso você não consiga mais controlar e a ansiedade se torne um problema, é importante procurar ajuda profissional.

Nossa, percebi como é importante falar sobre o que estamos sentindo!

E eu fiquei bem mais tranquilo! Por isso que informação é tão importante.

Isso! Toca aqui!

Orai! Não pode!

Podemos falar sobre ela e encontrar estratégias para gerenciá-la, até que se torne um pequeno pedacinho nos nossos sentimentos e não a controle de todos eles.

PEQUENO ANSIEDADE

Por outro lado, a ansiedade pode também nos fazer adoecer quando passa a controlar nossas vidas.

PLANOS AJUDA



Pandemia

ESSE CENÁRIO ME FEZ PENSAR...

PENSEI EM MUITAS COISAS

NAS COISAS QUE NÃO FALEI

SAÚDE

TE AMO

QUANDO ESSA LOUCURA PASSAR, EU VOU TÁ MUITO ARREPENDDIDA?

Milene Correia

DICAS NA PANDEMIA

por AMANDA COELHO (@AMANDISMOS)

"MANTENHA UMA ALIMENTAÇÃO EQUILIBRADA."

"RESERVE UM LOCAL ADEQUADO PARA ESTUDAR."

"BI BI FOM FOM!!!"

"FIQUE EM CASA!"



Amanda Coelho [amandismos] Artista, graduada em Ciências Biológicas pela UFC, técnica administrativa em educação e estudante de Artes Visuais.



Milene Correia [meenhasaventuras] Artista-pesquisadora multidisciplinar das artes visuais e cênicas. Graduada em Letras pela UFC.

O dilema da verdade das redes sociais

Qual o preço da conexão?

por Suzana Figs*



Imagem: Netflix Divulgação

Se a maioria das pessoas que lidam minimamente todos os dias com a internet das coisas já intuía o poder das redes sociais para confirmar a existência humana, afinal de contas se você não filmou, fotografou e/ou escreveu nas redes, você não existe e/ou o seu momento não existiu, a premiada produção da Netflix, o documentário "O dilema das redes", dirigido por Jeff Orlowski, que também assina o roteiro juntamente com Davis Coombe e Vickie Curtis, veio para nos mostrar o óbvio: estar conectado tem um preço.

Vivemos em uma era da desinformação e da manipulação da verdade, mas o que é a verdade humana para uma inteligência artificial condicionada pelos algoritmos dos cliques e a quem ela serve?

*Suzana Figs [@suzzfigss] é pesquisadora da área da linguagem. Se interessa por cinema, música, literatura, dança, design, saúde, esoterismo, tecnologias e afins.

De forma didática, o doc-ficção inicia com uma frase de Sófocles, considerado o maior poeta trágico da Antiguidade:

"Nada grandioso entra na vida dos mortais sem uma maldição"

e traz depoimentos reais de especialistas de diversas áreas do mundo tecnológico, como depoimentos de ex-funcionários sobre os bastidores do Facebook, Twitter, Pinterest e Google entre outras plataformas, que foram contratados para desenvolver e potencializar aplicativos com ferramentas de condicionamento psicológico, com o intuito de convencer os usuários a dedicarem seu tempo e atenção de forma imersiva nas redes, onde os cliques dos usuários alimentam algoritmos que se retroalimentam e são compilados em um banco de dados valiosíssimo, configurando o famoso "Capitalismo de Vigilância".

O conceito de Capitalismo de Vigilância foi elaborado por Shoshana Zuboff, da Escola de Administração de Harvard, no qual a experiência humana de liberdade e autonomia são expropriadas e capitalizadas de forma invasiva, parasitária e antiética pelas redes sociais com o intuito de melhor rastrear e manipular os comportamentos dos indivíduos.

O documentário também acompanha paralelamente a vida particular de uma família fictícia e como ela lida com o vício condicionado pela manipulação dos algoritmos que acabam afetando a autoestima e os relacionamentos da mesma na "vida real", e também como essa família percebe ou não o quanto que as transformações políticas na sociedade em que está inserida são desencadeadas pelo imaginário virtual fomentado pelas notícias falsas que são disseminadas de forma irresponsável e criminosa nas redes.

Alguns questionamentos pertinentes são levantados no documentário como: a ausência de ética nas grandes empresas de tecnologia, lembrando que as empresas são constituídas por pessoas, a falta de regulamentação de como essas empresas usam os dados que compilam, e a escassez de concorrência entre as famosas "big techs"**, que focam apenas no lucro de seus acionistas. Por fim, talvez a principal questão que é evocada pelo documentário seja: qual é a responsabilidade real dessas empresas em criar formas efetivas para controlar a disseminação dos discursos de ódio, notícias falsas, entre outros conteúdos como publicidade infantil, propagandas políticas, invasão de privacidade, pedofilia, discursos antidemocráticos, negacionismo científicos entre outras coisas, já que a maioria dos usuários compreendem as redes como algo inocente e ainda agradecem aos céus pela maioria das plataformas serem gratuitas e acabam expondo seus dados privados muitas vezes por escolha ao aceitar participar de uma rede social sem ao menos ler os termos de condições da mesma, porém o documentário faz questão de enfatizar que não existe almoço grátis:

"Se você não está pagando pelo produto, então você é o produto".

"O anti-intelectualismo tem sido uma ameaça constante se insinuando na nossa vida política e cultural, alimentado pela falsa noção de que a democracia significa que "a minha ignorância é tão boa quanto o seu conhecimento".

Isaac Asimov

Apesar de que no documentário, alguns depoimentos dos próprios ex-funcionários que têm filhos serem taxativos quanto a proibição do uso das plataformas por seus filhos e que eles mesmos enquanto ex-funcionários sofrem, pois sabem que os aplicativos que eles ajudaram a criar tem deixado as pessoas viciadas, ansiosas, depressivas, violentas e com tendências suicidas, o importante é ficar claro que não adianta demonizar as redes, pois também nos beneficiamos com a "invasão de privacidade" e que cedo ou tarde todas as empresas do mundo se tornarão grandes companhias de dados, em inglês "data companies".

Então, quanto mais rápido os conceitos de "big data", conjuntos de dados grandes com um alto nível de complexidade; e "data science", ou Ciência de Dados, área multidisciplinar que aborda e analisa as informações e conceitos complexos da "big data"; forem assimilados pelos usuários, mais os usuários poderão decidir que tipo de dado particular pode ser compartilhado e até que ponto esse compartilhar de dado privado não o prejudicará no futuro, sem a possibilidade de controle de danos, já que não existe mais o direito ao esquecimento, pois a Internet não esquece e não perdoa e com tantas informações deliberadamente compartilhadas, copiadas e roubadas os usuários poderão vir a perder o controle da vida online e conseqüentemente da vida offline.

"Se o conhecimento pode criar problemas, não é através da ignorância que podemos solucioná-los."

Isaac Asimov

Ou seja, não é o meio, mas sim o conteúdo que deve ser controlado, regulamentado e devidamente esclarecido e compreendido pelos usuários que fornecem diariamente de forma gratuita seus dados privados e fomentam os algoritmos utilizados pelas empresas que compilam esses dados e pela sociedade em geral que precisa criar uma legislação que proteja os usuários e elabore uma nova perspectiva ética que venha fornecer as bases de um novo humanismo, com um ser humano alfabetizado em ciência, tecnologia e humanidades, encontrando um ponto de equilíbrio entre a exposição, a privacidade e a democratização do conhecimento.

"O dilema das redes" (2020) é um filme que vem para desencadear um diálogo pertinente para o momento atual sobre os algoritmos das redes e suas reverberações na sociedade contemporânea e quais as perspectivas de verdades e valores éticos queremos fomentar para o futuro.

Filme: O Dilema das Redes — (The Social Dilemma, Estados Unidos/2020)

Direção: Jeff Orlowski

Roteiro: Jeff Orlowski, Davis Coombe, Vickie Curtis

Elenco: Skyler Gisondo, Tristan Harris, Sophia Hammons, Kara Hayward, Chris Grundy, Vincent Kartheiser, Catalina Garayoa, Barbara Gehring.

Duração: 89 min.

Onde assistir: Netflix

**Big Techs são "as principais empresas de tecnologia que têm influência excessiva no mercado e na sociedade". Na Europa as Big Techs mais famosas são chamadas de GAFAM, acrônimo de (Google, Amazon, Facebook e Apple) e que quando inclui a Microsoft gera a sigla GAFAM. Via Glossário da PC Magazine. <https://www.pcmag.com/encyclopedia/term/big-tech>

Arte para colorir os dias

Em tempos de pandemia e de isolamento, manifestações artísticas reverberam pelas telas, transformando caos em poesia

por **Rebeka Lúcio***



De repente, um surto. Pandemia. Lockdown. Isolamento social. O coronavírus atravessou fronteiras e modificou diferentes realidades. O ano de 2020 surpreendeu muita gente e trouxe à tona a fragilidade da vida, tendo em vista o número de despedidas provocadas pela Covid-19 que se multiplicou pelo mundo.

Nesse ínterim, até mesmo os mais planejados tiveram que rever a agenda e se reorganizar, ao se defrontar com um elemento surpresa que exigia muito mais do que improvisado.

Em diferentes países, as máquinas pararam e as aulas nas escolas foram suspensas. Com a repercussão do efeito do vírus e do seu impacto negativo, o uso de máscaras tornou-se obrigatório e o álcool em gel começou a se tornar escasso em diferentes estabelecimentos.

Procedimentos de higiene básica foram muitas vezes repetidos e teve quem reaprendesse até a lavar as mãos.

A superlotação de hospitais virou manchete de muitos jornais com a Pandemia e os cuidados com a saúde física tornaram-se ainda mais vitais este ano. A rentabilidade e a crise econômica com a paralisação do comércio também fomentaram diferentes debates, mas, em meio a tantos temas, outro também se pincelou: a saúde mental.

Poucas vezes vista como uma necessidade básica e repetidamente desvalorizada nos âmbitos políticos e sociais, a arte desabrocha neste contexto de confinamento como um respiro.

Responsável por melhorar estados emocionais em dias sombrios, a arte partilha emoções e colabora, de forma catártica, com o mergulho em diferentes sensações, que permitem viajar pela ficção, tornando a realidade fugidia.

A solitude pandêmica trouxe o ócio aos dias difíceis que foram pouco a pouco ocupados com home-office, aula online e atividades caseiras. Mas como ditam os Titãs: "A gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte".

*Rebeka Lúcio [@rebekalucio] Atriz-pesquisadora, apresentadora, produtora cultural, viajante: contadora de histórias. Mestre em Artes.

Apesar do recurso existir há mais de uma década no YouTube, foi em 2020 que se popularizou, encontrando mercado principalmente no Brasil.

Em levantamento realizado pelo Google, calculou-se que até o meio do ano mais de 85 milhões de brasileiros já tinham assistido Lives musicais no YouTube, aderência que contribuiu com a colocação de artistas nacionais no Ranking Mundial das Lives mais assistidas.

Entre as transmissões de maiores sucessos, destacam-se: Marília Mendonça (3,31 milhões em 8 de abril e 2,21 milhões em 9 de maio), Jorge & Mateus (3,24 milhões em 4 de abril), Gustavo Lima (2,77 milhões em 11 de abril), Sandy & Júnior (2,55 milhões em 21 de abril), Leonardo (2,52 milhões em 1 maio), Henrique & Juliano (2,06 milhões em 19 de abril) Bruno e Marrone (2,05 milhões em 16 de maio). Já dentre os artistas internacionais que tiveram grande audiência em lives, destacaram-se o italiano Andrea Bocelli (2,86 milhões em 12 de abril) e a banda pop sul-coreana BTS (2,31 milhões em 8 de abril).

Para além das grandes audiências dos shows de famosos, o recurso das Lives contribuiu com a retomada da programação artística em novos formatos, promovendo entretenimento virtual.

Fazendo uso do recurso da Live no Instagram, a Biblioteca Central do Campus do Pici da UFC também aderiu ao contexto digital e promoveu conexões, realizando projetos como o Afinações Acústicas, que realiza uma live musical, mesclando apresentação artística a um bate-papo sobre a trajetória do artista.

Que tal conhecer os artistas que passaram pelo projeto e se conectar a novas sonoridades? Como ponderou Leonardo da Vinci:

"A arte diz o indizível; exprime o inexprimível, traduz o intraduzível."



Vinicius de Moraes bem dizia que "a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida", então, mesmo em tempos de isolamento, é natural à maioria dos seres humanos a busca pela conexão, seja consigo ou com o outro. Nesse contexto, surge o boom das lives que tiveram ápice nos primeiros meses de pandemia, em formato de shows, palestras, debates e aulas Fitness ou de temas variados.

Em meio a esse cardápio de variedades online, muitos artistas encontraram nas redes sociais a possibilidade de divulgar seu trabalho, possibilitando o aumento do alcance da conta e o engajamento dos seguidores ou apenas com o intuito de colorir as redes sociais com arte e cultura.

Nessa teia de relações e possibilidades, o site internacional Business Insider aponta que no uso do recurso das lives o Instagram registrou um crescimento de 70% ao longo desse ano.



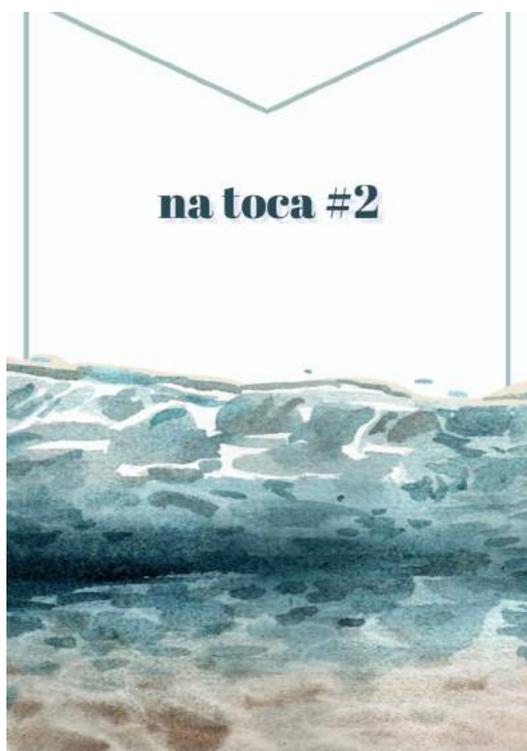
Instagram dos artistas em ordem de apresentação:

- @emischramm; @lucastrano_oficial; @triprickhemp; @jackiexmusic; @barcovelhooficial; @millamirais6;
- @torveteixeira; @dann.campos; @paulokaloficial; @alankardecfilho; @_____vina (Vinícius Mesquita);
- @erica.albernaz; @jotaeleiveira; @lidiamaria.oficial; @samuelrocha7cordas; @gaia.cantora; @que_ops;
- @jordguedes.oficial; @cafeecorpos (Juliana Cunha); @rianrafael; @cordaodeflor; @jesscarsan;
- @fcodacosta; @thamiuke (Thamires Neves); @honoratoraul; @ovelhobatuta, @tiagomade e @tiagokemper.

Iniciativa em forma de ZINE faz florescer arte em meio a 2020

Exclusivo para obras de estudantes,
Na Toca (Zine Coletânea) incentiva pessoas de todas as áreas
a compartilharem seus trabalhos na quarentena.

por **Beatriz Ferreira***



A produção independente de arte por estudantes sofreu um baque ao início de 2020. Em meio a pandemia, que trouxe pressões sociais e mentais de todos os lados, o desenvolvimento artístico sofreu em sua totalidade. Contudo, era o período que mais clamava por expressão, voz e espaço. Em momentos de seca assim, sem boas condições de produção a criatividade vem para nos dar um gole de arte. Nesses processos veio a luz o Na Toca, zine coletânea exclusivo para estudantes, idealizado e desenvolvido por Erre Vieira e Levi Porto, que reúne diversos artistas que acharam nessa união a oportunidade de florescer em meio ao caos.

A união de um aluno do Cinema e Audiovisual (Levi Porto – UFC) e uma de arquitetura (Erre Vieira – Unifor), à primeira vista em caminhos nada similares, foi sincronizada ante as dificuldades encontradas por eles e amigos no desenvolvimento artístico durante uma quarentena. Então, com a união de forças e ideais puderam proporcionar esse espaço de vez e voz que já reuniu 18 artistas em suas duas primeiras edições, com proposta de uma terceira até dezembro.

*Beatriz Ferreira [@beatrizmartinz] Bolsista em Audiovisual do Arte na Biblioteca. Estudante de Sistemas e Mídias Digitais na UFC. Artista apaixonada pela expressão de ser viva. Sempre em busca da Liberdade.

"O Na Toca nasceu da intenção que eu e minha amiga Erre Vieira tínhamos de compartilhar arte para o mundo. Temos muitos amigos e amigas que são escritores, fotógrafos, pintores, desenhistas, e apesar de serem muito talentosos, não encontram muita motivação para criar arte ou público para vê-la nessa quarentena. Então tivemos a ideia de criar um zine digital que abrangesse qualquer obra, desde que feita por estudantes. Somos todos amadores, ninguém é profissional, mas queremos que nossa arte chegue nas pessoas. Esses são tempos difíceis e a gente fica muito desestimulado para criar e mostrar o que fazemos e pensamos. Mas se nos unirmos e produzirmos em conjunto, a gente pode fazer um pouco que se torna grande! O Na Toca já conta com duas edições e uma vai sair até o final do ano. 18 artistas já tiveram seus trabalhos publicados no zine, que pode ser lido no site <http://natoca.site/>. Estou muito feliz que o zine tem motivado mais gente a criar e dividir suas criações com todos!"

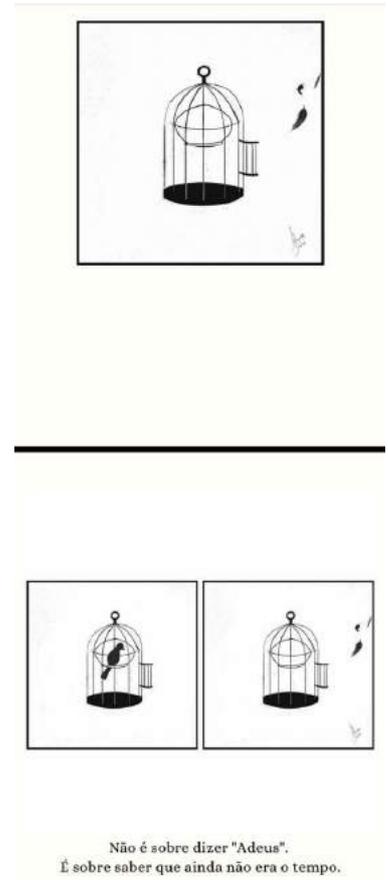
Levi Porto

(Cinema e Audiovisual – UFC)

"Me interessei em participar do Na Toca ao ver a divulgação no Insta do Levi e ao ler a primeira edição da Zine, me encantei logo de primeira. A proposta e a execução são de uma delicadeza que me encantou e eu queria poder fazer parte. Quando fui tão bem acolhida e recebida, me olharam verdadeiramente como artista, escutada e enxergada, fui vista, isso foi muito lindo pra mim. Poder juntar a minha expressão, meu grito em forma de arte exalando tudo que esse ano me fez consumir, poder me unir a outras expressões e falarmos em uníssono e em pura individualidade. O Na Toca foi essencial para me abrir os olhos diante da importância de projetos como esse e de iniciativas que nos inspiram a tirar as nossas do papel, que percebemos que juntos somos muito mais, somos tudo. "

Beatriz Ferreira

(Sistemas e Mídias Digitais – UFC)



"Todos passamos por um momento muito complicado este ano e de alguma forma, poder projetar nossos sentimentos, desejos e angústias foi de suma importância para lidar com a tensão que o atual cenário no país e a nível mundial nos proporcionava.

Participar do zine "Na Toca" me proporcionou esta experiência de modo que me fez ter uma visão mais expansiva a respeito do contexto das fotografias que eu tirava; deste modo pude significar em cada uma delas um pouco de mim e de como me sentia de modo mais profundo, o que é extremamente viável diante de momentos de tensão e que exigem bastante autoconhecimento. A todos que auxiliaram e participaram deste projeto incrível meu muito obrigada por compartilhar arte, expressões e significâncias. "

Débora Camelo
(Psicologia – Unifor)

"Eu tenho bastante vergonha das coisas que eu escrevo e produzo, mas pelo fato do Na Toca ter esse espaço, essa sensação de ser democrático e aberto a todas as possibilidades, você se sente mais livre, menos insatisfeito em relação a suas obras. Foi também uma boa forma de estar aproveitando o tempo da quarentena para desenvolver novas habilidades, novas ações, coisas que eu nunca tinha feito como a escrita mais longa. É algo bem novo pra mim. O Na Toca é muito de impulsionar os nossos sentimentos. É um formato mais descontraído que te faz ter vontade de se envolver com o público. Não ter vergonha de publicar o que eu faço porque a comunidade do Na Toca tem muito acolhimento com as obras."

João Artur Damaceno
(Cinema e Audiovisual – UFC)



Mapas Mentais

Já ouviu falar sobre mapas mentais?

A ferramenta foi criada em 1970 pelo psicólogo britânico Tony Buzan e pode ser utilizada em diversos tipos de situações.

Por

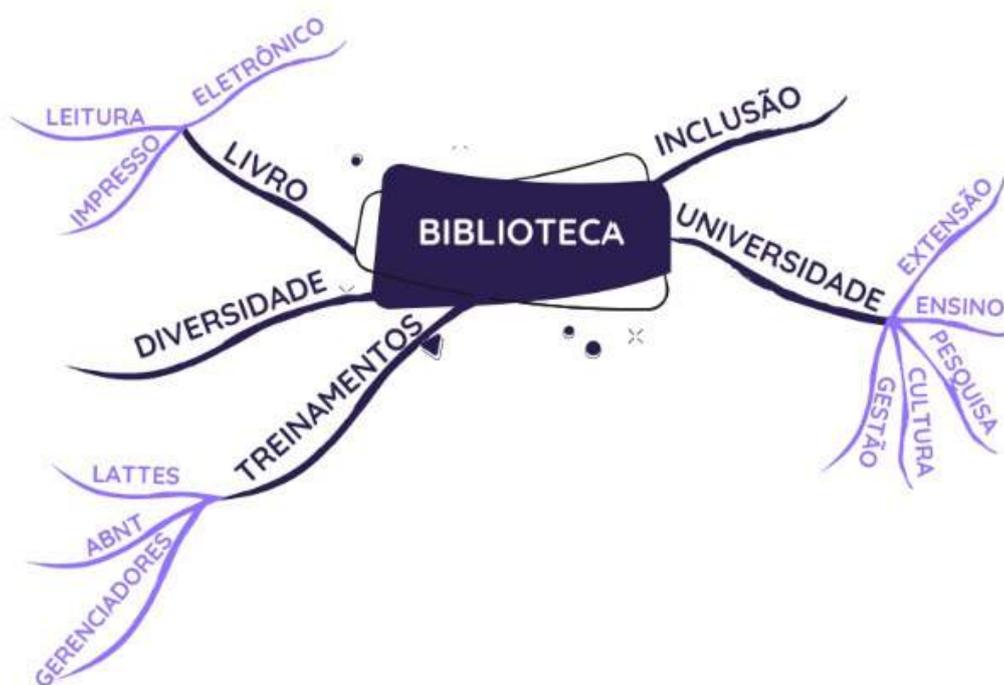
@isabela_rochan

@islaniacastro

@nonatoribeiro



MAPAS MENTAIS



Modelo de mapa mental postado no Instagram da Biblioteca (@bccpufc).

Trata-se de um método para memorização e organização de informações por meio do uso de palavras-chave e imagens-chave, que estimulam recordações específicas, suscitam novas reflexões e ideias e pode ajudar em tomadas de decisões.

Alguns exemplos da versatilidade da ferramenta são:

- ✓ Fazer anotações das leituras e aulas, substituindo caderno;
- ✓ Revisão de conteúdos;
- ✓ Memorizar palestras, discursos,
- ✓ Apresentações e seminários;
- ✓ Diagnosticar a causa de um problema;
- ✓ Brainstorming;
- ✓ Encontrar soluções;
- ✓ Planejamento de projetos;
- ✓ Definição de metas de curto, médio e longo prazo para um objetivo;
- ✓ Desenvolvimento criativo;
- ✓ Organização de tarefas, projetos e trabalhos;
- ✓ Desenvolvimento de ideias criativas, ajudando a assimilar as informações de forma mais eficiente.



Tony Buzan, em seu livro Mapas mentais, publicado pela editora Sextante em 2009, apresenta algumas instruções sobre a criação de mapas mentais, as quais apresentamos sucintamente a seguir:

- 1-** Concentre-se em um objetivo principal e defina claramente o propósito ou o que quer resolver;
- 2-** Posicione uma folha de papel na sua frente, na horizontal;
- 3-** No centro da folha faça uma imagem ou utilize uma palavra-chave do que será tratado no mapa mental;
- 4-** Utilize cores;
- 5-** A partir da imagem ou palavra-chave central faça ramificações primárias em curvas (não linhas) grossas;
- 6-** Em cada ramificação escreva palavras-chaves associadas ao assunto; dê preferência por utilizar uma palavra-chave por linha;
- 7-** Crie ramificações secundárias, terciárias, e assim por diante; as palavras escolhidas podem estar relacionadas a temas variados, dependendo do contexto com o qual esteja inserido no momento.

É possível fazer mapas mentais de forma manual ou através de aplicativos em seu smartphone ou computador, permitindo inclusive o compartilhamento e a construção colaborativa de mapas. Algumas sugestões:

- ✓ Mind42 (software on-line) - <https://mind42.com/>
- ✓ MindMeister (software on-line e aplicativo) - <https://www.mindmeister.com>
- ✓ Bubbl (software on-line) - <https://bubbl.us/>
- FreeMind (software desktop) - http://freemind.sourceforge.net/wiki/index.php/Main_Page

Dentre os benefícios da utilização de mapas mentais, alguns dos mais citados são: maior aprendizado; visão geral sobre determinado assunto; melhor concentração; memorização efetiva; clareza para apresentar ideias; planejamento; organização dos pensamentos (IBC, 2020).



Já faz uso de mapas mentais? Posta no Instagram e marca a gente! @bccpufc

**Ficou interessado(a)?
Temos, na biblioteca,
exemplar do livro
Mapas mentais, de
Tony Buzan.**

Para saber mais

BUZAN, Tony. Mapas mentais. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.

IBC. Mapa mental: o que é e como fazer? Goiânia, 2020. Disponível em: <https://www.ibccoaching.com.br/portal/mudanca-de-vida/mapa-mental-o-que-e-e-como-fazer>. Acesso em: 20 set. 2020.

SBCOACHING. Mapa mental: o que é e como fazer? São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.sbcoaching.com.br/blog/mapa-mental/>. Acesso em: 20 set. 2020.



Faça amizade com a sua mente

A mente é a nossa companhia por toda a vida.

Moramos em lugares diferentes, conhecemos inúmeras pessoas, namoramos, casamos, separamos, trabalhamos com elas. Algumas companhias, nós gostamos mais, temos apego; outras menos, temos aversão; outras não enxergamos, somos indiferentes. Os melhores amigos da infância talvez não estejam mais tão presentes em nossas vidas. Os amigos do colégio, da faculdade também vão se afastar depois de um tempo, pelo próprio fluxo da vida que nos junta e separa naturalmente.

Por Igor de Souza



Contudo, a mente sempre esteve lá, como um sexto sentido, interpretando cada momento, guardando memórias, editando o passado, planejando o futuro, sofrendo e se alegrando com você. Nos momentos mais solitários e difíceis ela estava lá com você, e nos momentos mais maravilhosos também.

Até a morte, essa relação vai nos acompanhar. E talvez você tenha notado que ela não para quieta. Não se acalma por um segundo. E além do mais, nos arrasta de um lado para o outro. "Eu quero isso, não quero aquilo, gosto disso, não gosto daquilo". Além disso, acreditamos em tudo o que ela nos diz. Cada julgamento, opinião, crítica (e ela tem opinião sobre tudo).

Porém, não temos a opção de terminar essa relação. A saída que nos resta é fazer amizade da forma mais genuína possível. Ser capaz de conviver com ela nos momentos mais divertidos e nos momentos mais tristes, mais agitados ou depressivos. Isso virá com a prática.

Aceitando-a completamente como ela é, como ela se manifesta. Acolhendo-a. Estando presente, sem apego, aversão ou indiferença. Amizade incondicional.

Relação saudável.

Uma prática simples que pode ser feita a qualquer momento chama-se Consciência Plena Aberta, ensinada por Mingyur Rinpoche e por vários professores de meditação. Esse é um estado de receptividade relaxada e sem esforço. É mais um estado de ser do que fazer. Quando descansamos com a consciência plena aberta, não estamos perdidos ou distraídos. Estamos plenamente conscientes e presentes, mas sem direcionar a atenção a algo em particular. Não tentamos controlar pensamentos ou sentimentos. Só estamos conscientes. Mingyur Rinpoche resume a prática assim:

"Não medite e não se perca."

Se a nossa
mente fosse
uma pessoa, é
provável que
não
gostaríamos de
conviver com
ela por muito
tempo.

Respire fundo três vezes e solte o ar devagar, relaxando o corpo inteiro. Deixe que a respiração volte ao normal e observe sua postura. Deixe a coluna ereta e os músculos do corpo relaxados.

A prática é estar consciente sem direcionar a atenção a algum objeto nem controlar sua experiência. Agora, se você percebe que está consciente, é isso. Não há nada mais a fazer. Pelo próximo minuto, solte qualquer controle e apenas esteja presente. Se sua atenção se mover, deixe. Se pensamentos passarem, deixe que eles se movam livremente.

Provavelmente vai ser desafiador ficar presente. Isso é normal. Quando perceber que se perdeu, não precisa fazer nada. No momento que perceber, apenas retorne para o presente e descanse nesse estado de consciência. Fique mais um tempo aqui.

É isso. Essa é uma prática simples, mas pode ser difícil no começo, porém com o tempo fica mais fácil. Ao longo do dia experimente entrar nesse estado de consciência plena aberta. Solte as atividades. Descanse um pouco. Várias vezes ao longo do dia por um minuto, trinta segundos, não importa. Apenas faça amizade com sua mente.



A
U
T
O
R
R
E
T
R
A
T
O

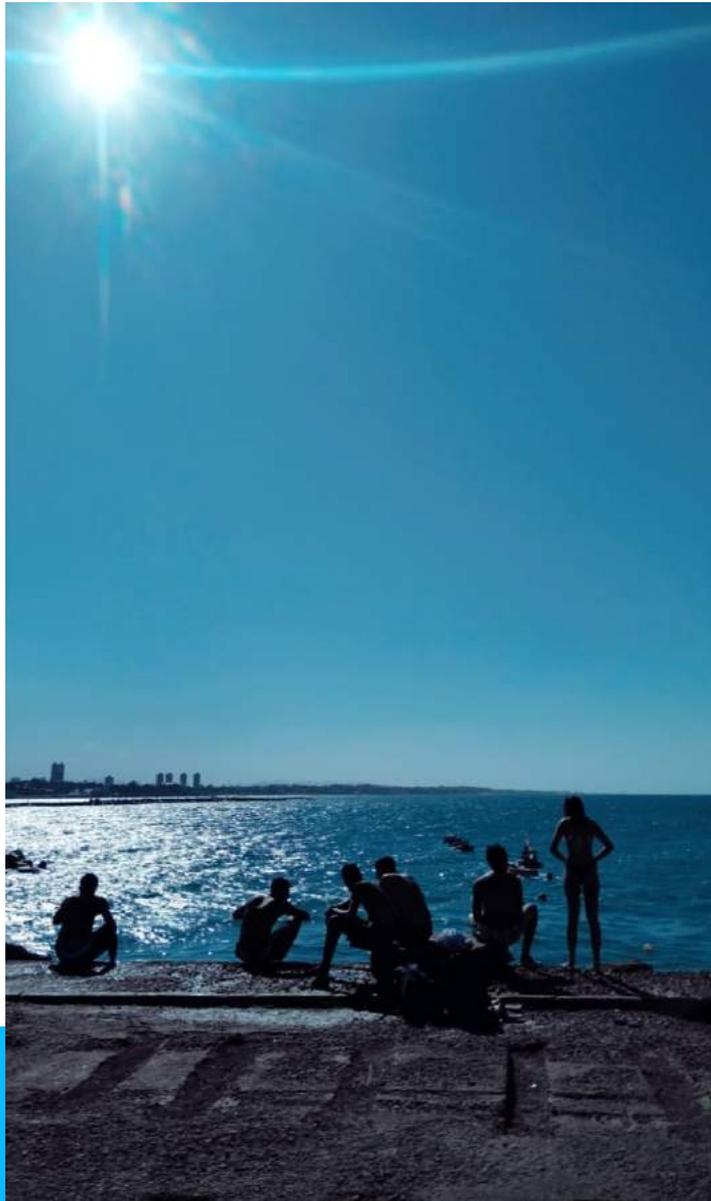
"Comecei a fotografar em 2012 e às vezes eu paro, mas depois eu continuo."
Rômulo Santos

Rômulo Santos [[@olumorsantos](#)] Estudante de Cinema e já trabalhou com um bocado de coisa, antes de chegar na fotografia.



URBES

RÔMULO SANTOS
2020



O
R
L
A



RÔMULO SANTOS
2020

